Corpos em cena: de "cabeças falantes" a "corpos imersivos" o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro[1]

Edna de Mello Silva[2]
Universidade Federal do Tocantins

Resumo

Os telejornais, um dos formatos mais representativos do jornalismo televisivo, vêm apresentando diversas mudanças, nos últimos tempos, que sinalizam a influência da cultura digital promovida pelo advento do ciberespaço. Neste artigo, instauramos parte deste debate, abordando o papel do corpo do apresentador dos telejornais como personagem da narrativa televisual. Propomos uma tipologia que elenca três categorias que sintetizam a participação do corpo dos apresentadores nos telejornais brasileiros nos últimos 60 anos. A primeira diz respeito às "cabeças falantes", quando a voz era o elemento principal dos apresentadores. A segunda refere-se aos "corpos expressivos" que representa a importância dos gestos corporais e da interação com o meio e a terceira são as dos "corpos imersivos" que revelam uma situação que provoca a sensação de realidade, de telepresença ou virtualidade.

Palavras-chave: telejornalismo; ciberespaço; apresentadores; corpo; imersão

Introdução

Toda a consciência que o homem tem sobre si mesmo é em certa medida evidenciada pela relação de seu corpo com o mundo que o rodeia. O corpo não é somente o ambiente físico de uma existência; ele também é permeado por construções simbólicas, ritos, culturas, conjuntos de gestos e regras sociais que são formadores de toda a vivência em sociedade de cada indivíduo. Para Le Breton (2007, p. 7), "antes de qualquer coisa, a existência é corporal".

No universo do telejornalismo, desde que a televisão se instalou como uma janela do mundo dentro do ambiente doméstico, o corpo dos apresentadores tem o desafio de equilibrar a necessidade de se tornar familiar, pois entra na casa das pessoas todos os dias,

[1] Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Jornalista, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins onde ministra as disciplinas de Telejornalismo e Projeto Experimental. Áreas de pesquisa: telejornalismo e novas tecnologias, comunicação audiovisual e tecnologias digitais. E-mail: prof.ednamello@gmail.com.

com um certo formalismo, para evitar o excesso de intimidade que poderia dar uma conotação pessoal às notícias.

Ao longo da história do telejornalismo foram vários os momentos em que a postura do apresentador (enquanto atuação cênica) foi sinalizadora de mudanças na linguagem do telejornal. Neste artigo, vamos abordar alguns destes procedimentos, com o enfoque na performance do corpo do apresentador em cena. O caminho a ser percorrido pela pesquisa será a revisão de literatura sobre o corpo como linguagem, a análise do corpo do apresentador no telejornalismo, as inferências sobre o tema na atualidade e as considerações finais. Espera-se com o artigo contribuir para o debate sobre a influência que a estética do ciberespaço tem causado na linguagem do telejornalismo contemporâneo.

O corpo como linguagem

É impossível dissociar o corpo em si, do ser humano. Ambos estão unidos como parte física e mental, matéria e alma, corpo e mente. A dimensão individual do corpo está associada à personalidade que o habita, ao indivíduo que se manifesta com vontade, gestos, atitudes, e personalidade própria. As características físicas de cada corpo podem sinalizar especificidades hereditárias ou de grupos raciais, porém não são suficientes para particularizar de forma totalizante cada indivíduo, dependendo do estatuto de diferenciação ao qual cada grupo se subordina.

Para Le Breton (2007), a relação com o corpo vai depender do tipo de sociedade em que se está inserido. Nas sociedades tradicionais e comunitárias, o corpo de cada pessoa funciona como um elo que a liga à energia coletiva do grupo. Ele é mais uma peça da engrenagem, não é um objeto solto, faz parte de um todo. Já nas sociedades individualistas, o corpo marca o limite do indivíduo, justamente o oposto da ideia anterior.

> Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é elemento que interrompe, o elemento que marca os limites da pessoa, isto, é lá onde começa e acaba a presença do indivíduo. O corpo como elemento isolável da pessoa a quem dá fisionomia só é possível em estruturas societárias de tipo individualista, nas quais os atores estão separados uns dos outros, relativamente autônomos com relação aos valores e iniciativas próprias. O corpo funciona como se fosse uma fronteira viva para delimitar, em relação aos outros, a soberania da pessoa. (LE BRETON, 2007, p. 30).

Para Kehl (2003, p. 246), os corpos sempre se modificam sofrendo a influência do que dizem sobre ele e do lugar social que se produz discursivamente sobre este corpo. "A experiência do Eu que se reconhece em um corpo sem valor social é radicalmente diversa daquela de quem se representa, para o outro, como tendo valor." Ainda segundo a autora, os corpos dependem das redes discursivas em que estão inseridos e das redes de trocas, discursivas ou simbólicas, que estabelecem com os outros.

No entanto, é na sociedade digital que o corpo e sua representação podem propiciar inúmeras experiências que por sua vez despertam indagações mais profundas sobre o homem contemporâneo. Para Tavares (2004, p. 223) as novas tecnologias ampliaram as possibilidades e os tipos de representação do corpo.

> Desde as primeiras representações pictóricas nas paredes das cavernas, aos atuais video games, passando por toda história da arte às simulações científicas, o corpo humano sempre possuiu um lugar privilegiado ante as outras formas representadas. E mesmo com tais possibilidades extremamente ampliadas pelos computadores pessoais, o homem ainda quer representar seu corpo tal qual a natureza lhe dá, em busca de um hiper-realismo que os atuais modelos virtuais conseguem exemplificar bem.

No campo do telejornalismo televisivo, área de nosso estudo, o corpo do apresentador vai atuar como significante e elemento fundamental da apresentação de notícias. Para entendimento deste processo, propomos uma tipologia que elenca três categorias distintas capazes de englobar os últimos 60 anos da atuação dos apresentadores no telejornalismo nacional. A primeira categoria denominada de "cabeças falantes" diz respeito à primeira fase do período, ainda sob forte influência do rádio; a segunda foi chamada de "corpos expressivos" por destacar a exigência de maior interpretação gestual e dramática dos apresentadores e a terceira é a mais recente, representa a etapa contemporânea em que os recursos tecnológicos disponíveis são utilizados para criar situações que simulam a realidade ou aumentam a sensação de realidade, seja presencialmente ou virtualmente. Essa categoria foi chamada de "corpos imersivos".

No início era a voz: o modelo das "cabeças falantes"

Os relatos de memória dos pioneiros da televisão brasileira dão conta de que o telejornal *Imagens do Dia* reproduzia em grande parte o modelo de noticiar herdado do rádio. O locutor, sentando em uma cadeira, tendo uma bancada à sua frente, lia as notícias e aparecia em quadro no televisor. As reportagens seguiam o formato do que hoje chamamos de nota ao vivo, ou seja, eram exibidas as imagens filmadas pelos cinegrafistas ou fotografias dos personagens envolvidos na notícia e, o locutor, ao vivo, narrava os acontecimentos (ALVES, 2008; LORÊDO, 2000).

Os tipos de enquadramentos valorizados entre as décadas de 50 até meados dos anos 60 para os apresentadores foram o primeiro plano e o close. Como o timbre de voz do apresentador era extremamente valorizado e o rosto praticamente enchia a tela da TV, podemos inferir que o modelo adotado era o da "cabeça falante". Uma hipótese para entender o fenômeno é pensar que era a primeira vez que "um desconhecido" estava "entrando" no cenário doméstico das pessoas, e a relação que estava começando a ser construída entre apresentador e público exigia um certa formalidade, sendo assim, o "olho no olho" poderia simular um relação respeitável de confiança. Por outro lado, havia também as limitações técnicas de câmera (e de lentes) que não permitiam ampla movimentação, e do cenário simples. Embora a voz já pudesse ser conhecida do público, em virtude da experiência anterior no rádio por parte dos apresentadores, o corpo deles era pouco conhecido.

Neste modelo de apresentação de telejornais, o apresentador é praticamente um locutor de notícias. Aliás, este é o termo utilizado por Gontijo Teodoro, conhecido apresentador do telejornal "*O seu Repórter Esso",* em seu livro "Jornalismo na TV". Em sua obra, Teodoro (1980) desfila uma série de orientações para aqueles que pretendem seguir a carreira e já demonstra preocupação com a apresentação pessoal dos apresentadores:

> Nas grandes emissoras a roupa do talento é fiscalizada e, na maioria dos casos, fornecida pela estação. Mas se esta incumbência ficar a seu encargo, não use terno de tecidos espalhafatosos, gravatas extravagantes, dessas que "pagariam imposto de diversão", pelos estampados mirabolantes. Estude o tipo de penteado que melhor lhe assente e não varie muito. Se usar bigode, trate-o adequadamente; não deixe seu "visual" (aquele que aparece no vídeo) se assemelhar a abandono, desgrenhado e, acima de tudo, dando a impressão que há vários dias você não toma banho. (TEODORO, 1980, p. 118)

Fig.1-Gontijo Teodoro -"O seu Repórter Esso" (1970)

Fig.2- Terezinha Mendes "Primeiro Plano" (1964)

Muito embora o rosto fosse a parte do corpo mais exposta do apresentador do telejornal a orientação era de que fossem suprimidas emoções ou registros de expressão que pudessem ter conotação de opinião pessoal sobre qualquer tipo de notícia. Qualquer tipo de de gesto ou inflexão de voz do apresentador poderia ser interpretado como exagero ou despreparo profissional.

> O que se quer de um bom locutor de notícias vai além da sua figura física ou de seu procedimento particular.[...] É preciso ter sempre em que o telespectador liga, diariamente, o seu receptor para ver a notícia e, nunca, o noticiarista. Que ele, o locutor é o traço-de-união entre a notícia e o público, ávido pela informação. Portanto, não avilte a notícia com uma leitura sofisticada, a ponto de prejudicar a intelegibilidade da mesma; não faça pose, não use maneirismos, não invente entonações que possam modificar ou adulterar as palavras. (TEODORO, 1980, p. 118).

O cenário simples formado por bancada e tapadeira com logo do programa ao fundo permaneceu por muitas décadas como paradigma do telejornalismo brasileiro. De certa forma, a bancada com os apresentadores sentados, falando com voz empostada e tom solene perdurou por mais de quarenta anos no jornalismo televisivo tradicional. É claro que algumas iniciativas de novos formatos e linguagens tiveram seu espaço ao longo deste tempo, mas a fórmula apresentador + locução + bancada se perpetuaram.

É interessante registrar também as variantes de enquadramentos que foram se desenvolvendo ao longo dos anos. Embora a locução tenha se mantido como marca principal do apresentador, os planos começaram a explorar também uma pequena parte do corpo do apresentador e chegaram ao que conhecemos hoje no que se configura entre o Plano Médio ou o Plano Médio Próximo.

Apesar das mudanças de enquadramento e consequentemente de cenário ao longo dos anos, a categoria "cabeças falantes" representa o modelo mais tradicional de participação de apresentadores em telejornais brasileiros. O *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, que teve sua estreia em setembro de 1969, utilizou o padrão de locutor de notícia na figura de Cid Moreira por quase 27 anos. Em março de 1996, Cid Moreira e Sergio Chapelin foram substituídos na bancada do telejornal por William Bonner e Lillian Witte Fibe, jornalistas profissionais que participavam da produção do telejornal. (MEMÓRIA GLOBO, *on line*).

Os "corpos expressivos": gestos e emoções a favor da notícia

Não há como precisar as mudanças no cenário de apresentação de notícias na Rede Globo de Televisão sem citar o trabalho de Glorinha Beuttenmüller. A partir de 1974, ela foi a responsável pelo atendimento a apresentadores, atores e diversos artistas da emissora interessados em melhorar sua atuação diante das câmeras. A grande arma de Glorinha foi acreditar que fonoaudiologia poderia contribuir para melhorar o desempenho não só vocal, mas da presença cênica em televisão. Segundo reportagem publicada em 16 de setembro de 2012 no *site* da Revista Veja, Beuttenmüller liderou o projeto de uniformização da fala de apresentafores e repórteres de diversas regiões do país, suavizando os sotaques regionais e promoveu a visão de que o corpo participa deste processo. "Ensinei a eles que não se pode ficar sentado numa postura rígida, como se estivesse num retrato de documento. Tem que ter entrega para poder entrar na casa do telespectador. Não pode ser arrogante, tem que ter simplicidade". (VEJA, *on line*).

Os ensinamentos de Beuttenmüller fizeram escola e hoje é comum a consultoria de fonoaudiólogos no campo do telejornalismo. Aos poucos, a ideia de que o corpo inteiro do comunicador fala e de que os gestos participam do processo de expressão e devem ser estudados foram incorporados. Para os apresentadores, a nova demanda começou a ser a de interpretar as notícias, ou seja, acentuar com inflexões de voz diferenciadas o que se desejava ressaltar, utilizar os recursos faciais para expressar emoções e gesticular com disciplina e domínio de cena para atrair o público. Apesar da exigência da expressão em si, o domínio das técnicas corretas pode evitar o desgaste da imagem:

> As atitudes corporais inadequadas do repórter poderão estar desconexas com o conteúdo, ou seja, aleatórias, não tendo nenhuma relação com a palavra dita. Também podem estar excessivas e/ou repetitivas, cansando quem assiste. Ao contrário, os movimentos corporais também podem estar ausentes, transmitindo rigidez e falta de envolvimento com o assunto. Tanto o excesso quanto a falta de movimentos "sujam" a imagem do repórter em sua apresentação, deslocando a atenção do telespectador para longe da notícia. (COTES, 2003, p.90)

Gestos de mãos, meneios de cabeças e franzido de sobrancelhas passaram a fazer parte do repertório expressivo intencional dos apresentadores dos telejornais (fig. 3). Dominar as técnicas expressivas do corpo e o espaço cênico disponível para sua atuação equivaleria a aumentar o poder de visibilidade, a aceitação por parte do público e a credibilidade do telejornal. Os apresentadores passaram a dividir com a notícia a responsabilidade de serem agentes atrativos dos telespectadores.

> O movimento corporal adequado no telejornalismo é aquele que combina com a palavra: é sóbrio, discreto e preciso para o momento da narração. Pode ser um movimento único como um meneio de cabeça para baixo ou gesto com as mãos, mas o mais importante é que esteja associado à palavra enfatizada; voz e corpo devem falar a mesma coisa, complementando-se. (COTES, 2003, p.90)

Fig. 3- Reprodução Gestos de Mãos na bancada livro "Voz e Corpo na TV"

A atuação de apresentadores com o domínio de técnicas expressivas corporais simbolizou principalmente a tentativa de reaproximar o público dos telejornais que começam a sentir a queda na audiência para programas de entretenimento (figs.4 e 5). Ao adotar uma linguagem mais próxima do público acreditava-se que o telespectador pudesse se identificar e manter-se cativo. Esse modelo acentuou-se como paradigmático principalmente a partir de 1995, época em que as redes de televisão aberta começaram a sentir o impacto da chegada dos canais por assinatura e da *internet.*

Figs. 4 e 5 – Recursos expressivos faciais de William Bonner e Lillian Witte Fibe no JN – 03/06/1997

A evolução da exigência da utilização do uso de recursos expressivos por partes dos apresentadores dos telejornais levou a outras necessidades de domínio cênico como o deslocamento entre cenários no ambiente de estúdio, mudanças de postura do corpo todo e/ ou partes específicas conforme a movimentação de novos enquadramentos e simulações de diálogos com telas interativas etc.

Corpos imersivos: o mergulho no acontecimento

O termo “ imersão” é utilizado neste artigo para sinalizar o momento em que o apresentador vivencia uma experiência que simula a realidade ou tenta provocar uma sensação de realidade no receptor com a utilização dos recursos das tecnologias digitais. Para Murray (2003), a imersão representa a experiência de ser transportado para um lugar simulado. O interator mergulha num mundo encantado, um espaço imaginário diferente do mundo físico real que é criado pelas narrativas, porém é necessário conhecer os limites

entre estes dois mundos para que o interator consiga ser transportado para este mundo da representação.

Para Santaella (2004), a imersão é outra propriedade fundamental da comunicação digital. Pode ser também apresentada em graus, desde os mais leves até os mais profundos.

> No grau mais leve, basta estar plugado em uma interface computacional para haver algum nível de imersão. Ela vai acentuando-se na medida mesma da existência de um espaço simulado tridimensional e na possibilidade de o usuário ser envolvido por esse espaço como na realidade virtual, quando se realiza o grau máximo de imersão. Mas há graus intermediários, como ocorrem nos jogos eletrônicos providos da simulação que é própria da espacialidade audiovisual 3D. (SANTAELLA, 2004, *online).*

Podemos considerar que uma vertente dos "corpos imersivos" seja a recomendação de que apresentadores possam acompanhar presencialmente, direto do local dos acontecimentos, temas de grande repercussão nacional. Nos principais telejornais de rede, é notória a participação de apresentadores na cobertura ao vivo de eventos esportivos ou de tragédias, como o caso do incêndio da boate Kiss, em Santa Maria – RS, em 28 de janeiro de 2013 (fig.6 e 7). Nestes momentos especiais, os apresentadores devem se comportar também como repórteres e serem testemunhas do fato, além de colherem as informações com aqueles que vivenciaram o que está sendo noticiado. No caso de tragédias de comoção nacional, como o incêndio da Boate Kiss em que mais de duas centenas de jovens foram mortos, ter a experiência de entrevistar os amigos e familiares enlutados, ao vivo, em rede nacional, exige muito domínio técnico e emocional.

Fig. 6 – Sandra Annenberg – JH – 28 01 2013

Fig. 7 – William Bonner – JN – 28 01 2013

Podemos então, a partir daí diferenciar dois espaços dos "corpos imersivos". Um seria o presencial, no caso dos apresentadores vivenciarem a experiência da transmissão direta do local do acontecimento. A outra seria a do espaço virtual, construído por recursos tecnológicos seja em modelagem 3D, representação holográfica ou simulação. Como exemplo dessa ocorrência podemos citar a cobertura da Copa das Confederações, em junho de 2013 (fig. 8 e 9).

Fig. 8 e 9 – Escobar, Tiago Leifert e Caio Ribeiro no Globo Esporte – 16 06 2013-07-16

A categoria virtual dos "corpos imersivos" exige dos apresentadores um domínio cênico muito maior do que nas anteriores. Isto porque ele terá que interagir com cenários só visíveis para o telespectador durante a transmissão ao vivo. Na prática, muitas vezes para orientá-lo, o apresentador terá à sua disposição somente discretas marcações e a prática que os ensaios lhe imputaram como experiência. A naturalidade na interpretação de sua personagem de si mesmo, bem como a expressividade de seus gestos e a confiança ao transmitir a informação é que emprestará à arte digital o testemunho de verdade que lhe falta por sua natureza imaterial.

Considerações finais

Em certa medida, é possível afirmar que temos as três tipologias exploradas neste artigo convivendo nos telejornais da atualidade, dependendo dos recursos que as emissoras dispõem para a produção de seus noticiários televisivos. A categoria das "cabeças falantes" sem dúvida é a menos atrativa, porém é a que depende de menor investimento e acaba por

ser a saída de canais independentes e sem recursos fixos. É uma herança do modelo radiofônico de apresentação de notícias.

A categoria dos "corpos expressivos" é a que mais tem representantes na atualidade e é praticamente o modelo hegemônico do telejornalismo nacional. Surgiu quando a televisão já havia se firmado como veículo e é fruto do trabalho conjunto com especialistas em fonoaudiologia. Embora haja diferenças entre as emissoras, este modelo contribui para a personalização dos apresentadores transformados em celebridades. O telejornal é associado ao nome do apresentador, de sua popularidade e credibilidade neste mercado.

Por fim, a categoria dos "corpos imersivos" está em pleno desenvolvendo e depende da atividade de engenheiros, direção de arte e apresentadores. É a sinalização da influência da linguagem do ciberespaço no telejornalismo e principalmente de que a fronteira entre o real e a ficção já foi transposta e novos paradigmas estão sendo construídos.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Luís Carlos. **Manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

COTES, Claudia. Avaliando o corpo. In: KYRILLOS, Leny Rodrigues. **Fonoaudiologia e Telejornalismo:** relatos de experiências na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2003.

CUNHA, Alberto Aor da. ***Telejornalismo***. São Paulo: Atlas, 1990.

KYRILLOS, Leny Rodrigues; COTES, Claudia; FEIJÓ, Deborah. Voz e corpo na TV: a fonoaudiologia a serviço da comunicação. São Paulo: Globo, 2003.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LORÊDO, J. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Allegro, 2000.

MEMÓRIA GLOBO. Jornal Nacional. Disponível em: < http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5273-p-19359-1969-N,00.html> Acesso em 10 jul 2013.

MURRAY, Janet. Hamlet no Holedeck. São Paulo: Ed. UNESP. 2003.

SANTAELLA, Lúcia**. Games e comunidades virtuais.** < http://www.canalcontemporaneo.art.br/tecnopoliticas/archives/000334.html > Acesso em 10 07 2013.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo Audiovisual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

TAVARES, Roger. A representação do corpo humano nos ambientes virtuais. In: KIRNER, Claudio; TORI, Romero (orgs.). **Realidade virtual**: conceito e tendências. São Paulo: Editora Mania de Livro, 2004.

TEODORO, Gontijo. **Jornalismo na TV**. Rio de Janeiro, Editora Technoprint, 1980.

VEJA. O discurso da Rede Globo. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/o-discurso-da-rede-globo> Acesso em 10 jul 2013.